

Religiões em Romances

Oneide Bobsin*

Sinopse

Ao invés de propor uma longa resenha, este artigo busca salientar os fios que ligam entre si três obras que “traduziram” religiões em romances. Fazendo uso de uma variedade de personagens e enredos, Shafique Keshavjee, Catherine Clément, Jostein Gaarder e outros navegam pelas histórias das religiões e apresentam o que cada uma contém, tanto em termos de suas virtudes como de suas crueldades. Os romancistas põem a descoberto dimensões mais profundas nos discursos religiosos sem assumir compromissos dogmáticos, embora não ignorem a importância do dogma. Assim, comprometendo-se com todas as religiões e com nenhuma, os autores falam a respeito de deuses e deusas, de Deus, de demônios, de guerra, paz, felicidade, céu, Nirvana, morte, vida, doença, saúde, etc. Afinal de contas, as religiões são mundos que construímos usando palavras que portam sonhos, temores, esperanças, justiça, amor, etc. Shafique Keshavjee descreve o diálogo inter-religioso com base num conto sobre Deus e as religiões, cujo propósito era dar a um rei elementos que lhe permitissem escolher uma religião para seus súditos. Também viajamos com Théo para o mundo de centros religiosos criado por Catherine Clément. Várias interpretações e sugestões terapêuticas para a doença incurável de Théo são oferecidas pelas diversas religiões. Finalmente, com o *Livro das Religiões*, escrito pelo autor de *O Mundo de Sofia*, acrescentamos um nó a mais à “teia”, só a fim de criar mais um “buraco”: “Quem sou eu? De onde eu vim? Para onde irei?” Todas estas são perguntas com base nas quais Gaarder e seus co-autores descrevem a história das religiões. De minha parte, participo de um lugar não autorizado pelos romancistas cujas obras apresento de forma resumida.

Palavras-Chave: Romance; Religiões; Ética; Diálogo; Ambigüidade

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; professor e pesquisador na Escola Superior de Teologia em São Leopoldo-RS, onde atua principalmente nas áreas de sociologia da religião e ciências da religião.

Abstract

Rather than being a book review, this article seeks to highlight the threads that connect three works that have turned religions into novels. Using a variety of characters and plots, Shafique Keshavjee, Catherine Clément, and Jostein Gaarder and his associates navigate through the histories of religions and present what each one has both in terms of virtues and cruelties. The novelists uncover deeper dimensions in religious discourses, having no dogmatic commitments, although they don't ignore dogma. Thus, by committing themselves to all religions and to none, the authors talk about gods and goddesses, God, demons, war, peace, happiness, heaven, Nirvana, death, life, illness, health, etc. After all, religions are worlds that we construct using words that carry dreams, fears, hopes, justice, love, etc. Shafique Keshavjee describes inter-religious dialog on the basis of a tale about God and the religions whose purpose was to give a king elements that would enable him to choose a religion for his subjects. We also travel with Théo to the world of religious centers that was created by Catherine Clément. Various interpretations and therapeutic suggestions for Théo's incurable disease are offered by the various religions. Finally, with *The Book of Religions*, by the author of *Sophia's World*, we add a further knot to the net in order to create one more hole: Who am I? Where did I come from? Where will I go to? are questions/holes on the basis of which Gaarder and his co-authors describe the history of religions. Without being authorized, I present myself as a character of the stories in trying to discuss novels about religions.

Key words: Novel; Religions; Ethics; Dialogue; Ambiguity.

1 Introdução

Mais do que uma resenha, o texto que se apresenta busca entrelaçar três obras de romancistas que, entre outros, ousaram criar personagens e enredos sobre a História das Religiões. Na boca de uma pluralidade de personagens é difícil perceber os limites entre a realidade e a ficção; as fronteiras entre as versões dos fatos históricos e as suas recriações literárias são tênues. De qualquer forma, os/as romancistas conseguem descobrir dimensões mais profundas da realidade,¹ além de nos ensinar a contar histórias sobre a História das Religiões de forma agradável.

Sem o compromisso com uma religião, ou comprometidos com todas elas ou com nenhuma delas, os autores e a autora falam sobre os deuses/as, Deus, demônios, guerras, paz,

¹ "Porque o poeta, o grande escritor, está ligado diretamente à consciência dos problemas, capta níveis mais profundos e menos transitórios, exprime tensões permanentes mais

felicidade, céu, inferno, morte, vida, etc. sob os mais variados ângulos, sempre emoldurando tais temas com uma criatividade que nos enche de expectativas e nos transporta para outros “mundos”, como se fôssemos, às vezes, os próprios personagens. É impossível não se sentir parte dos seus enredos.

Portanto, as obras apresentadas nos conduzirão, como numa viagem, pelo mundo das religiões com todas as suas ambígüidades. Afinal, as religiões são fenômenos que revelam os mundos que construímos com palavras, sonhos e medos; mundos estes de que nos apropriamos como se fossem uma criação pessoal, a fim de nos situarmos neles com nossa finitude e busca de horizontes de sentido.

Sem o compromisso prioritário com teorias literárias e reflexões teológicas, a viagem que empreenderemos pelo mundo das religiões, por meio de romances, vai além dos traçados de um mapa cujas fronteiras ora se tornam difusas, ora assumem dimensões identitárias belicosas. Assim, no texto que segue, não me entendo como alguém que escreve de fora, com o objetivo de ser fiel aos textos para dar um retrato fiel. Antes, sou transformado num personagem destes relatos que narram as coisas humanas e enigmáticas das religiões. Consciente, pois, das limitações em apresentar tais obras, satisfaço-me com um relato sobre um aperitivo de pratos preparados por Shafique Keshavjee, Catherine Clément e Jostein Gaarder.

Por fim, conto histórias para entrar na História(s) das Religiões. Nem tanto fora dela, tampouco dentro. Participo de um lugar não autorizado pelos romancistas cujas obras apresento de forma resumida. Mas já estou dentro dos romances, olhando de fora. As religiões permitem tais loucuras. Afinal, somos os loucos de Deus, que vemos em fenômenos tão humanos e banais não apenas os rumores de anjos, mas o lado escondido do próprio Deus. É evidente que a revelação de Deus em Jesus Cristo é suficiente para a salvação, segundo os

verdadeiras do que as informações de superfície, muitas vezes precisas e corretas mas não necessariamente relevantes, podendo fornecer estatísticas, correlações e análises sociológicas mesmo quando são exatas e diligentes. Estas últimas são instrumentalmente insuficientes e incapazes de atingir o âmago do problema. Limitam-se a delinear, muitas vezes de forma louvável, sua forma exterior, sua sombra.” Franco FERRAROTTI, *A contribuição dos clássicos*, p. 17.

cristãos. Mesmo assim, a religião manifesta os tesouros escondidos dos seres humanos (Feuerbach), bem como tudo que faz parte do baú dos medos, incertezas e traquinagens. Dize-me em que crês, que direi quem és e em que mundo vives.

2 Torneio das Religiões

“O Rei de meu país pediu-me que escrevesse este livro para vocês. Na verdade, para vocês e para ele. Por quê? Porque acontecimentos inesperados perturbam a vida de seu Reino e ele quis conhecer sua opinião de leitor ou leitora. (...) Sem mais delongas, quero lhes contar o que se passou em nosso Reino...”

Diferentemente da maioria dos reinos, naquele país vivia um Rei estimado por todos. Com grande sensibilidade e despreocupado com privilégios pessoais, estava atento a tudo o que ocorria com seu povo. Destoava de outros reis por reconhecer os próprios limites. Era assessorado por um Sábio, estudioso de física e filosofia. Não se sabiam as razões ocultas/incultas do mundo acadêmico que impediram o Sábio de ocupar uma cátedra universitária. Na companhia deles, estava o Bufão. Este, ao contrário do Rei, não gostava de seu país. Via a quietude do povo como se a massa estivesse anestesiada. Gostava de comer e passear com sua tartaruga Heloísa. Nos entroncamentos movimentados, reclamava das buzinas: “Vocês estão sempre em movimento, mas ninguém muda! Vocês andam por toda parte mas ninguém sabe onde vai. Vocês andam cada vez mais rápido, mas ninguém vai para a frente.” Apesar dos gritos e buzinas, o Bufão seguia o ritmo lento de sua Heloísa.

Sob um céu límpido, a lua clareava todo o Reino. Naquela noite, o Rei adormeceu logo. O Bufão, ao contrário, estava com insônia. E o Sábio descansava tranqüilamente. De repente, os três são perturbados simultaneamente no sono. O Rei havia sonhado com uma partida de futebol muito estranha. Jogadores imóveis olhavam para o céu. O Rei fez o mesmo. Foi então que viu uma mão escrever com letras de fogo uma palavra enigmática. O Sábio sentiu-se levado para um lugar na Suíça, onde Nietzsche viveu por algum tempo. O Bufão,

por sua vez, sonhava com uma grande *pizza*. No mesmo instante, pois, os três despertaram sobressaltados.

Reuniram-se no palácio para decifrar o que a mão escrevera no céu: ANY ou AYN. O que isto queria dizer? “Como a lua, o teu povo deve morrer”, disse o Rei. O Sábio, que leu AYN, concluiu algo diferente: “Como o povo, teu Rei deve morrer.” O Rei ficou angustiado. O Bufão fez outra interpretação: o povo, o Sábio e eu, todos temos que morrer. A frase estava assinada por Deus. O Bufão estava indignado por ter acordado antes de comer a *pizza*. Como a dúvida persistisse, o diálogo continuou. Pensaram inclusive que se tratasse da morte do próprio Deus; ou, quem sabe, do homem? Pode ser que a morte do homem estivesse associada ao assassinato de Deus.

Enfim, o Rei conclui que não basta ao povo ter lazer, pão e divertimento. Talvez, pondera o Rei, falte o Sentido. “Meu povo precisa de uma verdadeira religião.” Qual delas é a verdadeira?, perguntou o Bufão. A judaica, a cristã, a muçulmana, a hinduísta, a xintoísta, a confucionista?

2.1 A Convocação do Grande Torneio

Com tantas ofertas e com as idéias do Bufão de eleger o Rei como Deus, colocando-se ele próprio como o sumo-sacerdote que ficaria com a metade das oferendas, o Rei resolveu convocar um torneio das religiões. Com a assessoria do Sábio, conseguiram uma sigla e definiram os critérios de convite. Jogos Olímpicos - JO - lembrava as “Justas Oratórias”. Como suspeitassem que os dignitários fossem omitir tudo que fosse vil e mesquinho em suas religiões, solicitaram que cada tradição enviasse uma pessoa jovem, com visão crítica e aberta. Também definiram que participariam representantes das cinco tradições: a hebraica, a cristã, a muçulmana, a hindu e a budista. O Rei enviou uma carta que causou admiração e discussão no meio das tradições. Quem representaria, por exemplo, o cristianismo? Seria um católico, protestante ou ortodoxo? Era assunto para cada tradição. Ao Rei foi sugerido convidar um representante do ateísmo.

2.2 Deus não existe

Depois das formalidades de abertura e do discurso do Rei, a palavra foi dada ao primeiro expositor, Alain Tannier, professor de uma grande universidade de Paris. Ele foi escolhido como representante do comitê da União Mundial dos Livres Pensadores. Sua fala iniciou com a apresentação de pensadores ilustres que, na juventude, haviam sido teólogos. Lembrou Feuerbach, um dos inspiradores de Marx. Disse que Feuerbach, depois de ser teólogo, tornara-se um ardoroso defensor do materialismo. Também lembrou que Stalin fora, por algum tempo, seminarista e que Nietzsche era filho de pastor. Seu discurso lembrava que milhões de homens, mulheres e crianças morreram por causa de guerras religiosas. Pediu para que todos desconfiassem de todos os homens religiosos, de seus discursos cheios de piedade que escondem uma grande sede de poder.

Depois de sua exposição, o debate ficou bastante tenso. Swami foi o primeiro a se manifestar. Causou suspense ao sair do local. Muitos viram em tal gesto uma contestação ao ateu. Mas, minutos depois, voltou com uma flor e a deu ao representante do ateísmo. Embaraçado, o ateu observou o demorado sorriso e o silêncio do representante budista. Como não houvesse debate, começou a falar o rabino Halévy. Deixando de lado o silêncio budista, o rabino tomou a palavra para confessar a fé no Deus criador e lembrar os sofrimentos dos judeus no campo de concentração de Treblinka. E a controvérsia continua. O xeque Ali ben Ahmed, amparado pela bela filha, entra no debate, e suas conclusões o aproximam do doutor Christian Clément, representante do cristianismo. Clément diz que o ateísmo não é necessariamente um inimigo para os cristãos. Pode ser um aliado na busca por Deus e pela verdade, bem como um estímulo que evita a paralisia. O xeque, que havia defendido o monoteísmo, não refutou o doutor Christian. Isto deixou Alain Tannier irritado, pois o teólogo cristão tinha facilidade em incorporar o ateísmo à fé cristã.

Ao final do dia em que o ponto alto foi se o universo era ou não orientado por alguém fora dele e por quem o criou, o

Rei deu por encerrada a primeira rodada dos JO. É indispensável dizer que, naquela noite, o Rei teve dificuldade em dormir. As imagens dos debates giravam em sua cabeça. “A família africana brutalizada, a parábola das árvores frutíferas, a dança estúpida do Bufão, a bela Amina com seu pai cego... e talvez, por sobre isso tudo, o discurso falho que ele balbuciara de forma tão medíocre. A futilidade de seu pesar lhe doía ainda mais.” Também Alain Tannier não conseguia adormecer. A flor do budista o intrigava, apesar de estar convencido de seu próprio discurso.

2.3 Quatro Nobres Verdades

A exposição do budista abriu o segundo dia. Rahula, originário do Sri Lanka, foi escolhido pelo World Buddhist Sangha. Iniciou com uma meditação silenciosa, deixando aborrecidos os que vivem em nossa civilização dos ruídos. Inclusive uma pessoa do Júri ficou irritada. Depois do silêncio, falou do fundador do budismo, das quatro nobres verdades e contou-lhes uma parábola. Desta vez, o xeque trouxe a sua contribuição ao debate. “Alá é a luz dos céus e da Terra (24,35) e ele existe eternamente (20.73). Enquanto para vós, budistas, nada é imperecível.” Contudo, o budista deixou em aberto a pergunta a respeito da existência de Deus. Partiram, então, para a criação divina do homem e da mulher. O rabino fez ao budista uma pergunta: “O budismo, por sua doutrina do *anatmann*, da ausência do Eu, não corre o risco de depreciar o valor do homem, sem falar no da mulher?”

Findos os debates daquela manhã, todos vão ao refeitório. Sentada à mesa, Amina, filha do xeque, dá um grito. Debaixo de seu prato há uma carta anônima escrita em árabe. Com a ajuda de um tradutor, o Sábio e o Rei tomam conhecimento de seu conteúdo, do qual menciono a parte final: “E tuas vestes não cobrem completamente os teus ombros. Se tu continuares a revelar de forma impudica aos homens a beleza de teu corpo, haverás de arrepender-te pelo resto da vida.” Todas as medidas de segurança foram tomadas pelo Rei.

2.4 Karma e Libertação

O programa da tarde começou com atraso. As medidas de segurança deviam garantir o andamento do torneio. Feita a apresentação, entra em cena o representante do hinduísmo. Pronuncia o mantra OM, a sílaba sagrada da Índia, e faz com que as vibrações toquem todos os presentes. Conta a parábola dos dois pássaros, discorre sobre o fundamento do hinduísmo e fala sobre sofrimento e libertação. Mas antes da reação do budista, o Sábio anuncia que o desordeiro já estava na prisão, o que deixou o xeque aliviado e preocupado. Por um lado, sua filha poderia ficar em paz, por outro, novamente um extremista muçulmano maculara a sua religião. Enquanto o xeque desiste de apresentar sua compreensão pacifista de Lihad - esforço -, o debate é retomado entre o budista e o hinduísta. Nos confrontos, entra o doutor Clément perguntando pela relação entre o espiritual e o material, e as implicações dela para a existência de tantos pobres na Índia. Também o rabino fez sua pergunta: "... se Deus e o Si mesmo são eternos e perfeitos, o que explica o surgimento da ignorância e o início do processo do Karma?"

Naquela noite, Amina é atacada em seu quarto. O rabino a socorre, livrando-a do homem que queria violentá-la. Corre atrás do homem, mas não o alcança. Volta para Amina, a fim de consolá-la. Mais tarde, no quarto, o rabino lembra palavras do Cântico dos Cânticos. "Teus lábios são uma fita vermelha... metades de romã são teus seios..." Mas, quando chega ao pescoço, depara-se, em suas fantasias, com o velho rei Davi. E o prazer acaba. Tenta dormir.

No café da manhã, as manchetes dos jornais diziam: UM RABINO SALVA A FILHA DE UM IMÃ. Noutra, lia-se: ESTU-PRO E VIOLÊNCIA NO GRANDE TORNEIO.

Bismillah ar-rhaman ar-rabim, assim começa a exposição do muçulmano no novo dia dos JO. Inicia discorrendo sobre os seis tipos de muçulmanos: secularizados, tradicionalistas, revolucionários, reformistas, modernistas e os muçulmanos sufis. Para o xeque, a convivência entre estas tendências não é muito pacífica. Fala, então, de sua biografia. Vem do Egito, de uma

família abastada e pia, e apressa-se a recitar o seu credo: Não há divindade que não Alá, e Maomé é seu profeta. Segue, com grande emoção, recitando um poema: “A beleza não pode suportar ficar ignorada atrás de uma cortina; um belo rosto tem horror ao véu e, se tu lhe fechas a porta, aparecerá na janela. Vê como tulipa...” Depois da poesia, falou dos cinco pilares e contou a história da Agulha ou Tesoura. Também debateu com o doutor Clément sobre a doutrina da Trindade e com o Rabino dialogou sobre as tensas relações entre judeus e muçulmanos.

Foram para o almoço. O Rei, o Sábio e o Bufão estavam perplexos. “Ontem foi ANY e AYN. Hoje, a agulha e a lua cheia do mês de maio.”

2.5 O Deus oculto e libertador

Sob os *flashes* dos jornalistas por causa do feito na noite anterior, o Rabino inicia sua exposição falando de seu Deus. É um Deus que se oculta. É um Deus que se mantém escondido e que salva. Compara Deus a um palácio com inúmeras portas, onde, atrás de cada uma, há tesouros a serem buscados à vontade. No fim do corredor, porém, há um rei pronto para receber alguém que pense nele e não nos tesouros. Segue sua fala discorrendo sobre a Torá e destaca a idéia da eleição divina de seu povo. Quando toca no assunto da escolha divina preferencial, espera reações negativas do público, mas ninguém quis se ocupar com tal tema.

Livre de críticas, faz um breve discurso no qual destaca as características de cada religião. Os hindus e os budistas preferem a posição sentada, ao passo que os muçulmanos prezam a posição de pé à prostração, como símbolo de submissão a Alá. Os cristãos, por sua vez, insistem no reerguer-se da posição deitada à posição em pé, lembrando a passagem da morte à ressurreição. Aos judeus é a marcha que os identifica: da escravidão no Egito para a Terra prometida. Segue o seu discurso sem provocações e discorre sobre a diversidade e unidade dos judeus e as verdadeiras riquezas. Encerrada a exposição, vem o momento do confronto. O xeque, mesmo agra-

decido pela proteção dada à sua filha, lembrou o conflito entre judeus e palestinos. O doutor Clément lembrou os conflitos entre judeus e cristãos. E o líder budista levantou a questão de gênero. Se o homem e a mulher são imagens de Deus, por que não chamá-lo também de Mãe?

2.6 O Caminho e a Cruz

Enquanto ocorriam os debates no plenário, investigadores do reino procuravam descobrir pistas do agressor de Amina. Com a revista de todos, a exposição do cristão sofreu um atraso.

Todos acomodados em seus lugares, o mediador passa a palavra ao representante cristão. Inicialmente fala de sua biografia. Filho de gente abastada da Suíça, caiu no desespero depois que seu pai perdeu o emprego e se jogou no alcoolismo, enquanto sua mãe orava pelo marido e pelo filho. Houve momentos em que pensou em suicídio. Perguntava-se: “Como acreditar que um Pai celeste podia ser bom para comigo, quando meu pai terreno tinha chegado a tamanha decadência?” Através de outras pessoas, aproximou-se da Igreja e conheceu Jesus. Decidiu estudar teologia protestante. Mais tarde, foi para Roma preparar a tese de doutorado sobre a história recente do ecumenismo pós-Concílio Vaticano II. Pensou em tornar-se católico. Como estava dividido entre várias confissões, decidiu permanecer protestante e trabalhar de coração para a unidade das Igrejas. O rabino o interrompeu para falar do cristianismo como religião da elevação, mesmo quando as quedas são dolorosas... O representante cristão lembrou a morte do filho de 2 anos num acidente de carro. “Senti-me amputado e até hoje meu coração sangra, mas, graças a Cristo, o dia dos grandes reencontros está próximo.” Neste momento, o ateu sentiu uma grande emoção. Lembrou-se da morte de sua filha. “Era um sofrimento indescritível.” Na dor e no “silêncio de Deus”, crenças e ateus estreitam suas relações.

Depois de sua biografia comovente, faz uma longa exposição sobre a vida e obra do fundador do cristianismo e discorre fluentemente sobre uma orientação fundamental. Também faz um quadro-resumo da tradição cristã. Com as letras

do nome JESUS, faz uma coluna: J udeu, E loim, S alvador, U nico e S olidariedade. Paralelamente a esta, menciona C rucificado, H umano, R essuscitado I (encarnado), S anto (Espírito) e T ri-unidade - CHRIST. No debate, swami Krishnananda afirmou que Deus está em toda parte, em todos os lugares e em todo o ser. Por isso, Deus habitou em Jesus. No entanto, disse que os cristãos o chocavam quando ignoravam a pluralidade e insistiam na unicidade do divino. O representante do ateísmo, que se autodenominou o Judas contemporâneo do cristianismo, desfechou críticas, acusando os teólogos cristãos de camaleões mesquinhos e sedentos de prestígio e sempre atrasados. Nas questões relativas ao meio ambiente, gênero e lutas sociais, os cristãos sempre chegam depois, reinterpretando os seus textos. O doutor Clément disse que os cristãos sempre estão a reboque, mas lembrou Albert Schweitzer, Martin Luther King e muitos discípulos que dedicaram suas vidas a causas justas.

Com a exposição de Clément, encerra-se o debate. Os convidados participam da última refeição oferecida pelo Rei. À mesa, Rahula pergunta ao rabino sobre a exposição do cristão. Interessante, este respondeu laconicamente. Mas a pergunta o perturbava. Por um momento, imaginou-se casando com Amina. Chegou a imaginar uma manchete no jornal: DI-ANTE DE UM PADRE, UM RABINO DESPOSA A FILHA DE UM IMÃ. Grotresco! E levantou para servir-se, quando se encontrou com a bela jovem muçulmana, que fingiu nada ter notado.

Antes da decisão do Júri, que todos aguardam com ansiedade, cabe dizer que *O Rei, o Sábio e o Bufão - Uma Fábula sobre Deus e as Religiões* foi escrito pelo pastor reformado Shafique Keshavjee. Filho de pais indianos, adeptos do islamismo, nasceu no Quênia, em 1955. Emigrou para a Suíça aos 10 anos, junto com seus pais. Naquele país, tornou-se pastor e, mais tarde, fez tese de doutorado sobre Mircea Eliade, em Roma. Shafique dedica-se ao diálogo inter-religioso.

Enfim, qual a decisão do Júri? Afinal, qual a religião que o Rei deveria adotar para o seu povo? Concluíram unanimemente que era impossível ser unânime. E o Rei? Depois de um discurso emocionante, disse que a religião mais adequada era a...

3 A Viagem de Théo

Você viu que horas são, Théo? Mas ele não estava dormindo. Havia se entregado à suavidade do despertar. Ele costumava dormir tarde, segundo Melina Fournay, sua mãe. Enfim, Théo resolveu levantar, mas tinha dificuldade em se colocar na posição vertical e enfrentar a vertigem da manhã. Ao ficar em pé, cambaleou, e sua mãe conseguiu ampará-lo. Sentados à beira da cama, Melina olhou os livros espalhados sobre o cobertor. Ali estavam o Dicionário do Egito Antigo, mitologia grega e o Livro dos Mortos tibetano... Impressionada, disse-lhe: “Não é para a sua idade, Théo!”

A mesa já estava servida para o café. Apressa-te, pois tua amiga Fatou vai chegar em breve. Théo foi ao banheiro apoiando-se nas paredes. A mãe também lhe recomendou que passasse na farmácia para pegar suas ampolas. Enquanto isto, Melina, temerosa, conversava com Jérôme, que lia o matutino. Melina disse ao marido que o menino não estava bem. O pai retrucou-lhe dizendo que alguém com 14 anos não é mais menino e que Descartes detestava se levantar de manhã. Melina voltou a insistir: já viu que tipo de livro ele está lendo? O marido respondeu carinhosamente: “Querida, Théo não teve nenhuma educação religiosa. Não foi isto que decidimos? Deixe que leia o que quiser. Ele também tem a liberdade de escolher qualquer religião.”

Mas Melina sempre trazia novos argumentos em relação ao tratamento de Théo, cujo nome completo era Theodore – “presente de Deus”. Jérôme, olhe os exames da escola! “Auscultação, reflexos, raio X a jato...” Vou levá-lo ao médico, disse Melina. Não exagere, respondeu o pai.

Até o último inverno, a família Fournay estivera com bom humor. Tudo em paz. O pai era diretor de pesquisas do Instituto Pasteur. Nas folgas, tocava piano. Era um bom marido. Melina era professora de ciências naturais do liceu onde Théo estudava. Ele tinha colegas animados. Era um aluno comportado. Irene, sua irmã mais velha, começara o curso de economia, e Athéna, a mais moça, ia entrar na quinta série.

Melina Chakros e os pais tiveram que se exilar em Paris, cidade de Alain Tannier. Como o pai jornalista fosse opositor

do regime militar da Grécia, tiveram que abandonar sua terra natal. Em memória do país, as crianças receberam nomes gregos.

“Tudo teria sido perfeito, não fosse a saúde de Théo.” Até então ele fora alguém um tanto diferente. Lia muito, gostava de *videogame*. Não largava o jogo mitológico “A Cólera dos Deuses”, presente da mãe. Em relação à saúde, desde pequeno passara por várias doenças. Era fraquinho e geniozinho. Agora, depois de uma bateria de exames, tudo estava mudado. A mãe escondia as lágrimas, o pai vinha mais cedo para casa, e Fatou não ria mais. Théo se pergunta se está doente e se, talvez, vá morrer.

Entre as rotinas de exames de laboratório e consultas, Jérôme recebe um telegrama de tia Marthe, dizendo que viria de Tóquio. Tia Marthe se casara com um japonês, mas este havia saído de sua vida. Mais tarde, casou com John, da Austrália. Depois da morte de John, tia Marthe jurara nunca mais se casar. Herdou uma bela fortuna, a qual desfrutava em viagens. Sabendo da situação de Théo, veio a Paris persuadir Melina e Jérôme a deixar que fizessem uma viagem pelos centros religiosos do mundo. Talvez fosse o último presente que daria a Théo.

Depois de muita resistência em razão do tratamento, os pais concordaram com a tia Marthe. O primeiro lugar a ser visitado seria Jerusalém. Na viagem, Théo foi imaginando cenas bíblicas sobre Adão, Babel, etc. Também lembrou os conflitos entre as três religiões monoteístas: judeus, cristãos e muçulmanos. Ao chegar ao aeroporto, são recepcionados pelo cônsul francês, que os leva a passear pela cidade. Posteriormente, Théo recebe como guias um rabino, um *sheik* e um padre. Na conversa com o rabino, os mandamentos são lembrados. Théo pára no quarto mandamento: Honra teu e tua mãe, para que se prolongue tua própria vida na terra... De pronto, Théo respondeu: se basta honrar pai e mãe, então não corro risco de vida. O rabino retrucou dizendo que os médicos não conhecem os projetos do Eterno. Só Ele comanda. Ele pode decidir a sua cura. Com o padre Dubourg, a conversa foi cheia de perguntas. Théo concluiu que a fé em Cristo é mais complicada que a dos judeus. Seguiu-se a conversa com o *sheik*, que disse a Théo que as guerras entre as três religiões “são querelas de terras e questões de poder”.

De Tel-Aviv partiram para o Cairo. Lá estava uma mulher grandalhona, chamada Amal, esperando Théo e Marthe, para um novo roteiro. Enquanto Théo descansava, Amal perguntou pelo objetivo da viagem pelos centros religiosos. Viagens curam, disse tia Marthe. Portanto, depois de uma noite de descanso, seguiram um roteiro cultural e religioso. Cansados, voltaram à casa na rua Brasil. Noutro dia, fizeram outro roteiro. No subúrbio de Luxor, pararam em frente a uma grande tenda bordada da qual saiu uma mulher envolta num longo véu. A mulher saudou a Théo e disse que a cerimônia seria dele. A *sheikha* o levou consigo, chamando-o de noivinha. “Você está doente, você é a noiva.” Então ela fez Théo dançar. Ele resistiu nos primeiros passos até que o sangue de um galo degolado foi passado em sua testa. E Théo caiu. Era necessário que seu primo invisível viesse para dançar com Théo. E veio do subterrâneo. A *sheikha* acalmou Théo dizendo que estavam realizando um rito antigo - Zâr - destinado a curar doentes. Assim, durante o rito, Théo sentiu que o outro se parecia com ele. “Que esquisito... Até parecia um gêmeo.” Por fim, Amal perguntou: Você tem um irmão gêmeo? Tia Marthe pediu que Amal silenciase. Na verdade, Melina perdera o outro irmão de Théo. Théo nunca soube do segredo da família.

Em Roma, Théo teve a companhia de um cardeal que lhe falou sobre a história do cristianismo. Entre tantas perguntas críticas e respostas, o cardeal perguntou a Théo se ele era batizado. “Não - respondeu o rapaz. - Meus pais me disseram que eu poderia escolher quando crescesse. Quer dizer, se eu crescer.” Do batismo foram para outras questões. Théo via contradição entre a vida do cardeal e a de Jesus, pobre que se dirigiu aos pobres. Diante da contradição, o cardeal falou a respeito de Jesus como cordeiro de Deus. “Cordeiro ou pastor?” perguntou Théo. “Ambos”, disse o prelado romano. Com sagacidade, o jovem retrucou: “... se Jesus é o cordeiro, você faz parte dos cachorros do rebanho?” “Aceito a provocação. Lato, mas não mordo.”

De volta ao hotel, tiveram uma grande surpresa. Lá estavam Melina e Jérôme, que o cobriram de beijos. Mais tarde, na janta, o pai perguntou pela avaliação das religiões: “São todas iguais. Eles crêem em Deus, querem o bem da humanidade,

brigam entre si o tempo todo. Falam de paz e não param de criar caso uns com os outros”. No balanço da viagem feita por Théo, o relato do êxtase no Egito ganhou relevância. Melina indignou-se com Marthe. Théo não deveria saber que havia tido um irmão gêmeo.

Enquanto esperavam os resultados dos exames, ficaram mais uns dias em Roma, de onde voaram para a Índia. No vôo, tia Marthe fica respondendo sobre as religiões na Índia. Théo tem dificuldades em entender a multidão de deusas e deuses dos quais fala tia Marthe. Cansada das perguntas, ela pede um tempo até chegarem a Calcutá. Lá, Ila está esperando por eles. Após uma noite de descanso, vão conhecer os lugares sagrados. Dias depois, voam para Varanasi, onde Théo se encontra com o grão-sacerdote do macaco divino. Enquanto Ila e Tia Marthe ficam à beira do rio, Théo faz exercícios de respiração com o religioso, que, após cada movimento de Théo, conversa com ele em inglês. Na aula de respiração, o sacerdote falou de paz. “Talvez tenha alguma relação com as castas e os deuses”, disse Théo.

Naquela cidade, alguns dias depois, houve um novo encontro com Mahantji, o qual adorava um deus com aparência de macaco. Segundo Mahantji, todo homem tem uma parcela de divindade. Mas os exercícios de respiração não pararam com o sacerdote do deus-macaco. Théo também se encontrou com um guru. O iogue exercitou a respiração com Théo. Durante os exercícios, o iogue sentiu uma perturbação no sangue de Théo. Para o iogue, os ares não estavam passando pelos canais adequados. Então fez Théo ficar numa posição que o deixou relaxado, até cair no chão, permanecendo numa posição de cadáver. Tia Marthe questionou o iogue. Ele respondeu sorrindo: “Somente a posição de cadáver permite dominar a angústia da morte.”

Depois disso, Théo pegou o celular e tentou ligar para a Fatou, que o ajudava a decifrar os enigmas. Puxou o papel do bolso e leu: “Nem ida, nem vinda, nem morte, nem renascimento...” Olhou para tia Marthe, que lhe disse: “Você está esquecendo o meio.” Mais tarde insistiu e ligou para a sua paixão, de quem recebeu a dica de que O Caminho era o Chá.

Para Catherine Clément, *A Viagem de Théo* não seria completa sem a visita a um templo tibetano e uma conversa



com o lama Gampo, o qual falou das ilusões do Eu, bem como da consciência da ignorância e da dúvida, que conduz à sabedoria. Mas o mais importante para Théo foi a consulta da doutora Darjeeling. Ela diagnosticou que o mal era grave. Não vinha da alimentação, nem do clima ou de excessos sexuais. O mal de Théo não vinha de nenhum mal accidental; talvez ocidental, acrescentaria eu. Há um espírito subterrâneo que corrói a saúde de Théo. Talvez Théo tenha matado alguém numa vida anterior. Talvez tenha cara de assassino, ironizou Théo. Ironias à parte, vem a parte mais difícil: convencer os pais a abandonar a medicina ocidental pela do budismo tibetano. Como a situação se tivesse agravado muito, Jérôme concordou com o lama Gampo. Afinal, médicos franceses já estudam a medicina tibetana.

Enquanto voavam para Bangcoc, tia Marthe roncava como um trovão, e Théo fazia a sua síntese: “CRISTIANISMO = PÃO E VINHO. BUDISMO = MANTEIGA E INCENSO. HINDUÍSMO = LEITE, FLORES, FRUTAS. JUDAÍSMO, ISLÃ, SIKHISMO = NADA, MAS UM LIVRO.”

3.1 No País dos Peixes em Festa

Dias mais tarde, acompanhados por Sudharto, conheceram o mundo religioso da China. Entre diálogos sobre mitos, ritos e o papel da ideologia comunista, Théo ligou para Fatou. Eu sou *Yang*, masculino, e tu és *Yin*. Ao desligar, gritou que se casaria com Fatou. Mas tia Marthe, absorta, esperava os resultados dos exames, que vieram de Cingapura. As análises apresentavam um quadro estável, sinal de que a doutora Darjeeling estava conseguindo vencer o mal.

A viagem continua. No Japão, Ashiko acompanha tia Marthe e Théo. Se a saúde estava estável, o coração, não. Quase que Théo esquece Fatou. Mas, ao ouvir a triste história sobre Ashiko, o coração volta à França. Tia Marthe fala com Melina, jurando que, no teatro, Théo viu o seu irmão gêmeo e desmaiou. Melina não acredita. Tia Marthe jura que sim. E contou um pouco da peça que representava a mãe em busca de um filho morto. Melina está inconformada com a avaliação de sua irmã Marthe: “Visivelmente, o gêmeo o deixa feliz.”

Depois de uma triste despedida, Ashiko fica para trás, enquanto embarcam para a Rússia, cujo povo sofria como Cristo, conforme Théo. Visitam o museu do ateísmo, e Aliocha, a nova acompanhante, fala da revolução russa e da Igreja Ortodoxa. Seguem em direção à múmia de Lenin, líder que conduziu a Rússia para o comunismo, regime que matou milhões de pessoas, mas, ao mesmo tempo, fez grandes avanços sociais. Théo então volta à sua tese: os russos gostam de sofrer. Sofrem em Cristo, respondeu Marthe.

Na companhia da muçulmana Nasra, em Istambul, Théo recebe uma ótima revelação: “O mal regredira bruscamente...” Nasra, apesar da lei muçulmana, dá um beijo em Théo e vai para a cozinha preparar algo para festejar. Antes, porém, à mesa, Marthe pede a Théo que ligue para a Melina. Conversam sobre a revelação que começou no Egito. Théo quer saber sobre o gêmeo. Desculpa-se com a mãe e pede para encomendar outra menina. O quê? perguntou Melina. “Uma irmãzinha, ora essa...” Emburrado, ouviu de Marthe que ela não sabia que a irmã gêmea morrera ao nascer. Desconversando, Marthe disse que ela não morrera totalmente e que na África poderiam encontrar uma explicação.

Abdoulaye é o novo acompanhante na África. Théo lhe faz muitas perguntas, principalmente sobre as almas gêmeas ao pé do baobá. Da menor semente criada por Deus, disse o africano, nasceu um ovo que explodiu e se tornou o ovo do mundo. No interior do ovo, havia dois peixes. O ovo amadurecia lentamente, como uma criança na barriga da mãe. E nasceu um menino sozinho, prematuramente. Chama-se Ogo. Como era um prematuro esperto, arrancou um pedaço da placenta, deixando-a cair em terra. Ao entrar na terra, começou a procurar sua gêmea Yasigui, “que ele pensava ter nascido com ele...”

Mas a exposição de Abdoulaye continuou. Cada corpo tem almas gêmeas. Uma alma anima a outra no mesmo corpo. Se for homem, é a alma feminina que anima; se for mulher, a alma masculina que o anima. “Porque todo ser humano descende de Nommo primordial morto e ressuscitado em pares gêmeos masculinos e femininos.” Ao ouvir falar sobre morte e ressurreição, Théo afirma: “Às vezes, Deus é meio repetitivo.”

Na África, tia Marthe também entrou na dança. Num ritual de cura, ela dançava apoiada num pé só, sob o ritmo dos tantãs. Animada pelo ritmo, ela titubeava de olhos fechados. De repente, tudo parou. Todas as curandeiras estavam no chão. Tia Marthe, por sua vez, apoiada em Abdoulaye, foi levada para o carro, onde se deitou para dormir. Anta e Abdou conversam sobre o ocorrido. Ela está com muita responsabilidade. E angustiada demais. Com este garoto quase morrendo, ela o levou para conhecer o mundo! Mesmo assim, os hospedeiros acharam estranho que Marthe, uma mulher tão racional, tão controlada, entrasse em transe.

Em um voo da Air Africa, tia Marthe e Théo partiram de Dacar para Lisboa, de onde decolaram para o Rio de Janeiro. Durante a viagem, lá estava Théo com suas sínteses e novas perguntas. Queria saber da tia o que resiste melhor na África: “O islã, o cristianismo ou as religiões antigas? Porque besuntar-se de sangue de touro em nome de Alá, cá entre nós...” Desta vez, porém, tia Marthe também fez a sua síntese: “A África é como a Índia. São dois continentes com estômago de ruminante. Eles engolem o capim estrangeiro, impregnam-no com seus sucos, trituram-no devidamente e o digerem com calma. Mas qualquer que seja o exotismo do capim, a África permanece intacta.” Théo arrematou: “O Deus único não os incomoda?” “Nem um pouco”, falou a tia.

Mas não só a África “comia” tudo. O Brasil do Rio até a Bahia não era muito diferente. Tia Marthe, que havia jurado jamais se casar de novo, encontrou aqui um novo amor, que Catherine Clément chama de Brutus – Brutus Carneiro da Silva, professor universitário, especialista em história do Brasil e cavalo de Xangô.

Após terem passado o dia de cama, recebem a visita de Brutus, que insinua que Marthe sucumbiu a deuses afro-brasileiros. Ela desconversa o assunto a respeito de ter sido cavalgada por Iansã, “deusa das tempestades, a única capaz de dominar as almas dos mortos. Está aí um orixá que lhe cai como uma luva!” sentenciou Brutus. Tia Marthe retrucou dizendo que não quer ser cavalo. Brutus volta ao assunto. Os orixás são nossas características ocultas. E, por fim, disse que

Iansã é mulher de Xangô. Tia Marthe agradeceu pelo convite dizendo que “essas bodas não têm nada de verdadeiro”.

Enquanto Brutus e tia Marthe conversavam, Théo saiu para comer alguma coisa. Depois, durante a sobremesa, Théo abriu o papelzinho dado por Brutus ou Xangô. “Prefiro Xangô, é mais divertido! Vejamos.... Siga a pista até a Grande Maçã.”

Théo já dormia, quando Melina telefonou perguntando pelos exames. Tia Marthe falou que iria fazê-los em Nova York.

“Por que estamos nos Estados Unidos, sobrinho querido?” Por causa das seitas malucas, respondeu Théo. Estas, disse Tia Marthe, tem por todo o mundo. Aqui tem uma outra religião, majoritária. “Proteste, proteste, o mundo não vai acabar por isso – ironizou tia Marthe. Ah, agora entendi. Já vi aqueles malucos gritando na tevê. São os protestantes. Como historiador, Brutus não se calou e colocou em pauta a histórica polêmica das indulgências. Para Lutero, bastava “aceitar a graça da fé e vivê-la com intensidade”. Ao fim do diálogo entre Brutus e Marthe, Théo percebe conclusivamente algumas semelhanças entre Lutero e Buda. Ambos abandonaram jejuns e mortificações para encontrar, por caminhos distantes, alvos distintos. Sua conclusão, porém, não conseguiu interromper o diálogo sobre Lutero e a Reforma. Brutus e tia Marthe tinham opiniões diferentes sobre o assunto, o que levou Théo a pedir calma aos namoradinhos. Então Brutus disse que os protestantes, principalmente os luteranos, “não parecem inspirar confiança em Deus. São tristes como flores de velório.” Tia Marthe prometeu levá-los a um culto para mostrar o outro lado da história.

No dia seguinte era domingo. Foram a um bairro de negros, a fim de participar de um culto batista, de *performance* pentecostal, com aleluias, graças a Deus e um forte ritmo. E, a um sinal, pastor e congregação puseram-se a cantar e a dançar. Brutus não resistiu. Entrou na dança. Enquanto isto, o pastor perguntava e a comunidade respondia: “Ele, o diabo vermelho, que priva vocês de Deus e leva você à pobreza!” Yeah, respondeu o povo. (...) Em nome de quem a fraternidade, irmãos e irmãs, de quem? Je-sus, respondeu a multidão batendo os pés”, num ritmo bem conhecido de Brutus. Por fim, Brutus achou que ali não era o seu lugar e saíram para um bar, pois

gostava de cerveja. À mesa, tia Marthe falou sobre o movimento em favor dos direitos civis do pastor batista Martin Luther King. Então Théo exclamou: “O não-violento, assassinado como Gandhi? De fato, os negros tinham razão em se tornarem batistas”, finalizou Théo.

Antes de voltarem para a Europa, foram até a sede da ONU, onde havia uma capela. Sem nenhum símbolo que a identificasse com uma das religiões, a capela parecia, aos olhos de Brutus, algo sem vida. Tia Marthe discordou. Atitude diferente assumiu Théo: parece “uma religião curinga, que se encaixa em qualquer jogo”.

Mais uma despedida. Théo já estava acostumado a “perder” seus amigos. A despedida também não foi fácil para Marthe e Brutus. Brutus pediu um tempinho para encontrar uma casa. Tia Marthe inquietamente respondeu: “Não vai ser no Brasil, espero.” Muito menos no Rio ou na Bahia.

De volta a Paris, Théo é recebido alegremente por sua vovó Théano, que, abraçada a ele, soluçou: “Meu netinho que quase perdi.” Na conversa, à noite, com vovó, Théo diz que mudou, por ter passado dos livros ao mundo, “que não é tão ruim como dizem”. Assim, naquela noite, a vovó “curtiu” o neto, enquanto Marthe, Brutus e Rivké foram a um restaurante.

Por fim, Théo desiste da síntese e conta uma história. “No começo havia a árvore. Os humanos tinham um só desejo: subir o mais alto possível, onde as folhas da árvore tocavam nas nuvens. Inventaram a escada, que funcionava bem. Um dia, um espertinho quebrou a escada, para ver no que dava. Não havia mais jeito de ir até o alto! Em todas as religiões, sempre há um espertinho que quebra a escada entre o céu e a terra. Depois chegaram os jardineiros para experimentar outros meios. Fazer a árvore crescer o mais alto possível, permitir que os homens subam nela. Não pararam de subir...”

Vovó, há muitos galhos. Há galhos indígenas onde a cobra não é diabólica. E você já encontrou o seu galho, meu querido neto? Vovó, tenho vontade de subir. Não muito alto. Só o suficiente para dizer para os jardineiros não estragarem as árvores com suas podas. Chega de árvores que não dêem frutos.

Théo ia esquecendo de ler com Fatou uma prece dada por tia Marthe. A prece fora encontrada numa velha igreja, em Baltimore, em 1692. Lida a prece, os “dois trocaram um sorris-

so e desceram a toda os degraus do santuário de Delfos, aos pinotes, como cabritos... Ao longe, sob as oliveiras, ressoava o eco do riso de Théo.”

3.2 Theodore e Teófilo

Como não foi possível e necessário ser tão fiel como Lucas que escreveu a Teófilo, atrevo-me, já como um personagem, recontar livremente uma história do Evangelho de Lucas 7.1-10. É evidente que Catherine Clément me censuraria por privilegiar um galho apenas. Segundo o amigo de Teófilo, o soldado anônimo do centurião romano estava à beira da morte. Seguindo o seu raciocínio militar e se achando indigno perante Jesus, pede que cure seu subalterno sem entrar em sua casa. Basta dizer uma palavra! Jesus se admira da fé do centurião que havia construído uma sinagoga sem ser judeu. Baseado na força da Palavra, Jesus aceitou o pedido e curou o soldado, cujo nome desconhecemos. É a cura do soldado desconhecido. Nada é dito sobre a sua situação pós-cura. Logo, não sabemos se ele foi um seguidor de Jesus. De qualquer forma, a misericórdia o alcançou incondicionalmente, por meio da fé de um centurião, derrubando fronteiras, pois é como um rio de águas em cujas margens há árvores da vida... e suas folhas servem para curar as nações (Apocalipse 22.2).

Assim como o Torneio das Religiões terá continuidade, da mesma forma, para Théo “A Viagem Acabou. A Viagem Começa”. Em *O Livro das Religiões*, ela começa pela filosofia de vida baseada na ética.

4 O Livro das Religiões

Será que precisamos de uma filosofia de vida? perguntam-se Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder, autores de *O Livro das Religiões*. Apelam para a imaginação do leitor: “Imagine-se chegando a nossa galáxia, a Via Láctea. (...) A viagem foi um sonho! Mas você percebe que o planeta que descobriu em seu sonho é o planeta onde você vive.” Contudo, você fica

intrigado com o sonho. Quanto mais procura explicá-lo, mais perguntas vêm a sua mente. Por fim, “você se pergunta: ‘O que esse sonho significa?’ Será que nossos sonhos podem dizer algo sobre nós?”

Ainda na Introdução, as velhas/novas questões existenciais são levantadas: quem sou eu? Como foi que o mundo passou a existir? Que forças governam a história? Deus existe? O que acontece conosco quando morremos? São questões existenciais bastante gerais e que estão presentes na maioria das culturas. Num contexto de miséria e opressão como o nosso, elas se apresentam revestidas com as dores da fome. Não é apenas uma questão da cabeça, mas do estômago.

Por esta e outras razões que os autores perguntam pela morte e pela alegria de viver. Nesta perspectiva, apresentam um relato de Marianella Garcia Villas, ativista dos direitos humanos, morta por militares em El Salvador. Dela vem o texto que segue:

Eu luto pela vida: um trabalho real, que vale a pena. Não tenho desejo de morrer, mas já vivi tão perto da morte e de suas conseqüências que a vejo agora como algo natural. Todos nós devemos morrer um dia, mas a morte sempre virá cedo demais para o homem e para a mulher que têm uma imensa sede de viver. Cada minuto que passa tem um significado, uma profundidade maior que qualquer outra coisa, mesmo que pareça comum e rotineiro. Cada rajada de vento, cada canto da cigarra, cada revoada de pombos é como um poema.

Sei que os que trabalham pela justiça sempre terão o direito a seu lado e receberão ajuda de Deus; estes irão prevalecer, e a verdade resplandecerá.

É melhor ser rico de espírito do que em bens materiais.

Diferentemente de S. Keshavjee e Catherine Clément, Gaarder deixa a linguagem de *O Mundo de Sofia* e trabalha, inicialmente, conceitos como monoteísmo, mitos sagrados, definições de religião, morte, cerimônia e outros. Mapeados os conceitos que caracterizam o conhecimento religioso, os autores de *O Livro das Religiões* “apresentam as características básicas do Hinduísmo e Budismo, sem esquecer outras religiões orientais como o Confucionismo, Taoísmo e Xintoísmo.”

A África não pode deixar de ser contemplada na obra de Gaarder. Ele menciona o avanço do cristianismo e do islã sobre as religiões primais ou tribais que dominavam o continente africano antes da invasão cultural ocidental e árabe. Depois de caracterizar as religiões africanas, *O Livro das Religiões* dá um grande espaço para as religiões que surgiram no Oriente Médio. Descreve aspectos dos monoteísmos judaico, cristão e islâmico. Na abordagem do cristianismo, não ignora os cismas dos quais surgiram a Igreja Ortodoxa e o protestantismo. Como europeu luterano, Gaarder se ocupa com os vários ramos da Reforma do século XVI, apresentando a Igreja Luterana, com sua organização, sua doutrina e a ordenação de mulheres ao pastorado. Ainda sobre o luteranismo, cabe dizer que Gaarder, com um texto leve, faz uma apresentação da doutrina desta igreja. Temos, pois, em poucas páginas, um resumo da confissão luterana que serve de base para o ensino confirmatório (catequese) dos pré-adolescentes.

Considera os “movimentos reformados radicais” que polemizam contra o batismo de crianças e propõem a conversão: os anabatistas. Contempla, sempre de forma bem resumida, os metodistas, os batistas e os pentecostais. Segue apresentando o Exército da Salvação, os quacres, adventistas, mórmons, testemunhas de Jeová. Por fim, faz considerações sobre o Movimento Ecumênico, destacando o Conselho Mundial de Igrejas, fundado em 1948, em Amsterdã, por 147 igrejas de 44 países. Frisa que, a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica Romana se aproximou do CMI.

Quem quiser uma noção introdutória sobre a Bíblia, o surgimento dos evangelhos, bem como sobre a pesquisa dos livros dos cristãos, encontrará observações importantes.

Após apresentar aspectos importantes das religiões, igrejas e movimentos, os autores voltam à pergunta inicial de *O Livro das Religiões*: “Será que precisamos de uma filosofia de vida?” A apresentação sumária sobre as religiões e igrejas pressupõe que sim. Mas os autores não deixam de lado o fato de que a resposta a esta pergunta não implica necessariamente adesão a uma religião. No último capítulo, são apresentadas três diferentes tendências filosóficas que não se baseiam em conhecimento religioso. Alain Tannier e Théo se encontrariam

com mais facilidade nelas que nas religiões. Então passam a discorrer sobre o humanismo desde Sócrates, passando pelos estoícos e alcançando a Renascença.

Destacam que o humanismo renascentista trouxe consigo “uma nova atitude com a humanidade; um novo estado de espírito; uma nova visão do mundo natural; um novo método científico e uma nova imagem do mundo”.

A abordagem do Iluminismo considera a contribuição de muitos teóricos. No que diz respeito à ética, “os humanistas acreditam que, em virtude de sua razão, o homem sabe a diferença entre o certo e o errado. O homem não precisa de nenhum mandamento ou regra externa. Certos valores e normas básicas podem ser estabelecidos com base puramente na razão humana. É isso que se quer dizer com a expressão *ética humanista*.”

Por fim, trata do materialismo, partindo da antiguidade em direção ao marxismo. “Lutaremos sempre por uma compreensão científica do mundo. Nosso programa se baseia inteiramente numa visão de mundo científica e materialista”, escreveram Marx e Engels. Ainda sobre a ética marxista, o autor de *O Mundo de Sofia* destaca que ela “não constitui apenas o espelho de um conjunto de condições sociais, mas uma maneira de promover interesses de uma determinada classe. A ética serve à classe que detém o poder numa dada época. Em outras palavras, é a classe dominante que determina qual é a moral correta.” Nesta perspectiva, *O Livro das Religiões* aborda a secularização e, de certo modo, o seu contraponto, ao considerar as novas tendências religiosas como o sincretismo. Tendências esotéricas, astrologia, espiritismo, ufologia e movimentos alternativos estão em ascensão. Os movimentos alternativos defendem que “há algo de fundamentalmente errado com a civilização ocidental de modo geral”.

Concluem o livro apresentando quatro pontos principais sobre a ética: HORIZONTES - afirmam que “nossos horizontes éticos se expandem e se entrelaçam com a responsabilidade”; CORAÇÃO - refere-se à consciência. “É algo que se projeta para dentro, para o interior de nós mesmos”; CABEÇA - diz respeito ao uso da razão. Não basta “ser bom”. É preciso usar o raciocínio para estabelecer valores e normas; por fim,

“MÃOS À OBRA. Não basta ter horizontes éticos, coração caloroso e cabeça fria (...) Devemos fazer a experiência ética prática.” Portanto, a obra de Gaarder e seus companheiros encerra sugerindo uma ética cujos fundamentos não se referenciam em discursos das religiões e igrejas.

Como *O Livro das Religiões* foi traduzido para a língua dominante e predominante no Brasil, ele apresenta um apêndice. Trata-se de um trabalho do sociólogo Antônio Flávio Pierucci, da USP, que procura mostrar a pluralidade religiosa e eclesial no Brasil. Com uma linguagem acadêmica, Pierucci vai nos revelando a diversidade religiosa brasileira. E, a exemplo das obras apresentadas neste trabalho, o quadro religioso montado nos impõe a difícil tarefa de conjugar a religião no plural.

Concluo resumindo uma fábula sobre o fim do mundo, contada num curso para professores/as de Ensino Religioso da rede pública de ensino. Tempos atrás, o frio tomou conta da face da terra. Sobraram poucos lugares sem gelo. Num destes espaços livres se recolheu uma vara de porcos-espinhos. Para se aquecerem, precisaram se aproximar. Ao procederem assim, espinhavam-se. Então alguns tentaram viver mais longe. Estes morriam de frio. Mas outros, diante da morte por excesso de frio, voltaram ao ninho. Fizeram um acordo de convivência, aprendendo, assim, com os seus espinhos.

Hoje, o mundo globalizado coloca, lado a lado, “porcos-espinhos” muito diversos. Apesar de diferentes espinhos, urge aprendermos que diferença não é desigualdade e que fortes identidades causam guerras. Pluralidade conjuga-se com respeito às diferenças e com as percepções das ciladas da concorrência.

5 A Viagem Única Continua

Considerando as grandes religiões, o cristianismo é a maior, seguida do islamismo, que se expande com rapidez. Em cada 100 pessoas no mundo, 30 são consideradas cristãs. Logo, setenta por cento seguem outros credos e condutas, religiosas ou não. A consciência desta situação numérica aguça em alguns setores cristãos um expansionismo guerreiro. Hoje, o fundamentalismo, seja ele político ou religioso, é uma ameaça

à democracia. Combatê-lo com suas armas é repetir os seus equívocos. Da mesma forma, não reconhecer as fronteiras religiosas e confessionais é cair numa vala comum. O mais difícil, porém, é o caminho do meio, sem ficar em cima do muro. Este caminho pauta-se pelo diálogo entre as diferentes tradições religiosas.

Como alguém vinculado ao mundo acadêmico na esfera das ciências humanas, tenho olhado para as religiões como objetos/sujeitos de análise científica. Mas não posso caracterizar meu olhar tão-somente a partir destes saberes reconhecidos. Vinculado a um dos múltiplos ramos da tradição judaico-cristã, oriento-me pela compreensão de Martim Lutero, segundo a qual Deus atua na história do mundo escondido atrás de máscaras. Podemos relacionar a esta compreensão uma outra, a do teólogo e historiador das religiões Rudolf Otto, cuja obra *Das Heilige* (O Sagrado) tornou-se um clássico: o sagrado, o santo, o numinoso é sempre “totalmente outro” (*Das ganz Andere*). Contudo, o olhar estaria incompleto se não considerasse uma perspectiva latino-americana. Para tal, menciono a *Ética da Libertação na idade da globalização e exclusão*, de Enrique Dussel. Nas cem páginas iniciais, o referido historiador tematiza a “História Mundial das Eticidades”, cuja idéia central pode ser assim formulada: o grande Outro – totalmente outro – se solidariza com o outro pobre e excluído, independentemente de sua religião, igreja, credo ou identificações locais.

O Outro é totalmente livre, ao passo que as religiões com seus múltiplos discursos, ritos, mitos e símbolos são condicionadas de muitas maneiras. Trazem as marcas do que é humano, cultural e socioeconomicamente condicionado.

Portanto, se aceitamos a tese de Rudolf Otto de que Deus não se deixa limitar pelos conceitos que fazemos Dele, da mesma forma é possível afirmar que as religiões podem ser máscaras de Deus ou “palavras sem sentido”, para lembrar a resposta divina a Jó, capítulo 38: Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentido? Assim, qualquer confusão dos “desígnios” com as “palavras sem sentido” pode fazer com que se troque a Palavra pelo vaso, desaguando num deserto de liberdade e libertação.

Por fim, mas não menos importante, lembremos alguns momentos em que Jesus transgrediu fronteiras: o samaritano que cuidou das feridas do assaltado, a mulher siro-fenícia que venceu a barreira étnica, a nova família que transcende laços de sangue, etc. Em todos estes e em outros sinais, a fé sinaliza que Deus aposta em nós, apesar de nós mesmos.

Referências Bibliográficas

- ARMSTRONG, Karin. *Em nome de Deus: fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- BOWKER, J. *Para entender as religiões*. São Paulo: Ática, 2000.
- CLÉMENT, Catherine. *A viagem de Théo: romance das religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FERRAROTTI, Franco. A contribuição dos clássicos. In: id. et al. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 15-42.
- GAARDER, Jostein; NOTAKER, H.; HELLERN, Victor. *O livro das religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HOCH, Lothar C. A voz de Deus em outros povos. *Estudos Teológicos*, v. 35, n. 2, p. 177-185, 1995.
- KESHAVJEE, Shafique. *O Rei, o Sábio e o Bufão: uma fábula sobre Deus e as religiões*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- MAIS. Caderno Mais da *Folha de S. Paulo*. A encruzilhada da fé. São Paulo, Domingo, 19.05.2002.
- OTTO, Rudolf. *Das Heilige*. München: C. Beck, 1997.

Oneide Bobsin
EST Cx. Postal 14
São Leopoldo-RS
93001-970
obobsin@est.com.br